

O ACERVO HENRIQUETA LISBOA

Maria Zilda Ferreira Cury
UFMG

Abro minha fala desta tarde recorrendo a Henriqueta Lisboa:

*que tenho a ver contigo
se não leste o livro que li
não viste a rosa que plantei
nem contemplaste o pôr-de-sol
à hora em que o amor se foi?
Que tens a ver comigo
se dentro de ti não prevalecem
as coisas – todavia supérfluas –
do meu intransferível patrimônio?*

Este poema, testemunha da alta sensibilidade de Henriqueta diante das coisas, mesmo as supérfluas, pode ser tomado como metáfora para o trabalho de pesquisa em acervos, como um partilhar de experiências e, simultaneamente, como indicador da postura sensível requerida do pesquisador diante do legado de determinado escritor.

Rapidamente, antes de me deter com maior vagar no acervo de Henriqueta Lisboa, gostaria de situar um pouco a preocupação com a preservação da memória entre nós, para procurar contribuir também de alguma forma com o tema mais geral desta mesa, ou seja, a Universidade e a Preservação da Memória.

As discussões sobre preservação da memória, criação do patrimônio nacional, começaram mais articuladamente no Brasil com a instituição do Estado Novo.¹ Não é casual que isto tenha ocorrido uma vez que no período construía-se uma idéia de modernização acelerada do país. Simultaneamente, o Estado se intitulava e se auto-intitulava como *novo*, lançando sobre o passado um olhar que pudesse reafirmar essa sua postura. Basta lembrarmos do mito de Tiradentes como herói nacional, construído durante este período, ou da infinidade de retratos de Getúlio, "o pai dos pobres", largamente distribuída nas escolas. Trabalhava-se com a idéia de culto ao passado, como justificativa do culto que se queria inscrever no presente na figura do Estado e de seus representantes oficiais. Justificava-se a valorização do patrimônio, objeto de culto, enquanto ela mesma funcionava como justificativa para se erigir a história do Estado como história de todos, passado de todos, reserva da nação.² Está claro que esta idéia do patri-

¹ Cf. *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania?* DPH. São Paulo: DPH, 1992.

² Cf. CUNHA, Maria Clementina Pereira da. "Patrimônio Histórico e Cidadania: uma discussão necessária". In: op. cit. p. 9.

mônio como culto petrifica a história, erigindo-se a idéia de passado da nação como um todo uno e harmônico, servindo para ocultamento de suas múltiplas contradições.

Esta é uma herança da qual temos que nos livrar, para que não se pense a memória e sua conservação como pertencente a poucos e habitando alguns poucos lugares.

Não me parece também casual que estejamos, hoje, aqui, discutindo a questão dos acervos literários, num primeiro encontro, quando o país, ainda que claudicando, aos poucos vai se democratizando e com certeza cobram da Academia posturas novas.

Pensar hoje a questão do trabalho em acervos, necessariamente, então, nos envolve com a questão de uma nova forma de se enxergar a cidadania, no sentido de uma democratização de um passado que é de todos, ainda que, evidentemente, não apropriado da mesma forma, e de perceber o sentido político que sempre envolve a questão de preservação e de recuperação do passado, do patrimônio, enfim, daquilo que, preservado e partilhado, ainda diz de nós como nos fala o poema de Henriqueta.

Por outro lado, acolher acervos nas universidades significa um compromisso com a preservação do legado da memória de nossos escritores em instituições que efetivamente criam quadros habilitados para o seu estudo. Incrementar as possibilidades de registro, de troca e cruzamento de informações, nos torna sujeitos de um conhecimento que quer construir a memória na sua pluralidade e com seu sentido coletivo preservado. Além do mais, ainda do ponto de vista teórico, tal empreendimento significa uma postura voltada para o trabalho coletivo pois, de saída, um pesquisador sabe que, por menor que seja o acervo que estiver estudando, nunca poderá fazê-lo sozinho. Sempre dependerá para a organização e estudo posterior adequados e mais ricos de uma equipe interdisciplinar de pesquisadores. Finalmente, a universidade também pode se assumir, com a possibilidade de institucionalmente atrair acervos literários, ela mesma como um acervo vivo da cultura na multiplicidade de suas faces.

A organização e o estudo de acervos literários têm se revelado sempre um campo extremamente fértil para a crítica e teoria da literatura. Sobretudo isto se revela na consideração de que as ciências humanas se apresentam, atualmente, como espaço interessante de remanejamento da reflexão teórica no que diz respeito ao diálogo interdisciplinar entre as mais variadas áreas do conhecimento. O estudo de um acervo exige que o pesquisador transite por diferentes áreas, sobretudo se a ele estiver afeita também a tarefa de organização.

O estudo de acervos pode levantar uma infinidade de *fiats* para pesquisas, não se esgotando a contribuição do pesquisador no tratamento de sua temática específica, mas no que deixar *inconcluso* ou organizado para ser retomado por outros.

Ora, o acervo de determinado escritor ou intelectual pode funcionar como ponto de inflexão importante para o estudo da literatura, tanto na sua feição histórica – pensando-se, aí, no estudo das manifestações culturais enquanto espaço amplo – como para o esclarecimento dos diferentes pro-

cessos de criação literária, inclusive com a análise de material anterior à publicação em livro (correspondência, rascunhos, manuscritos, marginália, rasuras, publicações em periódicos, etc.).

O perfil de um acervo confunde-se em grande parte com o perfil de seu titular, cuja identidade é revelada a partir do cruzamento de olhares que lhe lançam os outros. Se, então, o acervo delinea os traços de um escritor, de saída e em si mesmo nos coloca uma série de questões no espaço desta dialética eu/outro.

Do Acervo Henriqueta Lisboa, localizado na Biblioteca Central da UFMG constam documentos pessoais, fotografias, quadros e livros e a correspondência com intelectuais destacados.³

Que livros leu Henriqueta? Em quais fez anotações? Que leituras destas respiram nos textos escritos por ela? Que livros não leu, uma vez que também de ausências se faz a história? Muitas vezes, a partir de uma ausência manifesta, a pesquisa e a crítica podem revelar uma presença.

Como eram lidos pelos outros os livros que Henriqueta conservou em sua biblioteca? Em que medida o predomínio de determinada leitura pelo público interferiu na leitura de Henriqueta Lisboa, remodelando, modificando, elaborando cortes na sua fruição e alterando a natureza dos textos que ela lia e escrevia?

Essas tramas não se engendram somente a partir da escrita e sua leitura, mas se inscrevem no universo que Bakhtin conceitua como circularidade, influxo recíproco de culturas. No como se leu se entalha também uma experiência não-literária que cumpre perseguir e resgatar para se dar conta de todo um momento cultural filtrado pela escritura.

O acervo, metáfora da história, nos coloca diante da efervescência das rupturas, mas, igualmente, faz emergir as longas continuidades subterâneas que, gota a gota, também fazem a história.

Henriqueta foi escritora que desempenhou função relevante como poeta e como intelectual. Henriqueta – sutil tecedora de imagens – era uma figura fisicamente frágil, nascida em Lambari, cidadezinha de Minas, no interior de uma família tradicional.

As cartas que recebia de escritores, muitos dos quais seus íntimos amigos, são de relevância para o estudo da literatura.

A visão mais contemporânea do texto literário, recolocando em cena tanto o sujeito criador, como o sujeito da crítica, recuperou a importância do levantamento e reflexão crítica voltados para a correspondência de escritores como elemento relevante para a análise e iluminação não só da obra literária, mas também como sonda reveladora da sua própria gênese.

Pensando-se em termos da recuperação crítica de momentos tão importantes como os imediatamente posteriores ao Modernismo, o estudo da correspondência entre seus participantes é indispensável por vários motivos. Antes de tudo por tratar-se o Modernismo de ponto de inflexão fundamental para a cultura brasileira, no sentido de ter representado um momento de reflexão e de "balanço" da nacionalidade. Muitas vezes, nas car-

³ O documento mais antigo é um poema de João Lisboa, pai da poeta, datado de 19-5-1888. O poema é um hino à libertação dos escravos.

tas eram discutidas idéias e expostas análises que não aparecem em textos editados. Podem elas representar, então, espaço propício ao acompanhamento da formação de um "pensamento brasileiro", bem como, mais especificamente, da formação da estética modernista no Brasil. Em segundo lugar, seja porque precisavam do amparo uns dos outros face a uma sociedade que, muitas vezes, os encarava com hostilidade, seja porque o corresponder-se era atividade "em moda" à época, os modernistas eram "correspondentes contumazes". Cumpre registrar que, num tempo em que os meios de comunicação não eram tão avançados, a carta era um dos recursos possíveis para a troca de idéias. Nas suas cartas, falavam de seus projetos literários, mandavam poemas para a avaliação dos amigos, criticavam os passadistas, comentavam as publicações do momento.

O acervo Henriqueta Lisboa reúne vasta correspondência mantida pela poeta com importantes intelectuais das décadas de 30 e 40.

A poeta e sua correspondência, então, podem ser tomados como ponto de inflexão para a compreensão do período e da atividade de seus intelectuais.

Henriqueta se correspondeu, entre outros, com escritores como Mário de Andrade, Carlos Drummond, Murilo Mendes, Gabriela Mistral, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e outros. As cartas guardadas por ela iluminam simultaneamente sua obra, a destes escritores e, como um tecido, ajudam a trançar os fios do momento cultural e político que viviam.

De seu acervo, ainda em fase de organização na Biblioteca Central da UFMG, selecionei apenas uma pequena parte das cartas.

Sua correspondência mais numerosa foi com Mário de Andrade, por que nutria grande afeição e carinho, verdadeira veneração. Pelas cartas, percebe-se essa grande amizade que os unia.

As cartas de Mário versam sobre os mais variados assuntos, mas, sobretudo discorrem sobre literatim. Como faz com Drummond, com Fernando Sabino e com outros escritores, também de Henriqueta Mário comenta os poemas, sugere modificações e, implícita ou explicitamente, elabora concepções sobre arte e sobre o papel da intelectualidade sua contemporânea:

"É fácil verificar com abundância que o intelectual dos nossos dias é, por excelência, o revolucionário disponível."⁴

Para ela desvenda facetas de sua personalidade, revelando o papel que se auto-atribuiu de "guia" das gerações mais novas. Com ela desnuda-se, mostrando, com isso, a grande importância do estudo da correspondência:

"As vezes tenho vergonha de lhe desnudar assim os meus tumultos, mas preciso clamar, contar que estou sofrendo, pedir que me agilentem, sou um esparramado, pareço cozinheira italiana de cortiço, pobre de esquina que levanta a camisa pra mostrar as bexigas do torso."⁵

⁴ Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, datada de 25-7-40.

⁵ Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, datada de 16-4-40, Rio de Janeiro.

Com ela partilha as angústias da intelectualidade diante do Estado Novo:

"Estou com vários amigos presos, não sei onde param, do que precisam, como estão, e meu coração se despedaça."⁶

A correspondência trocada por Henriqueta versa sobre os mais variados assuntos, revelando a face de seus interlocutores. Por exemplo, fica claro o papel mediador, entre a intelectualidade e o Estado exercido por Drummond quando secretário do ministro Capanema:

"Restituo-lhe a carta do nosso amigo poeta Brito Machado. A pretensão que ele alimenta é bem modesta e vai ser atendida: o decreto de nomeação, já pronto, será remetido ao Presidente no primeiro despacho. Procurou-se dar ao poeta uma situação melhor, também em Ouro Preto, mas a política (sempre vicejante, em qualquer regime, apesar dos esforços para exterminá-la), não permitiu que isto se realizasse."⁷

Igualmente nas cartas escritas pelo poeta, ressalta a veneração à figura de Mário:

"Seus poemas consagrados ao nosso Mário tocaram-me profundamente. Você exprimiu melhor do que ninguém um sentimento de falta e de fervor constante, que é o de todos os amigos do morto inesquecível. Não imagina como me honrou a sua lembrança de enviar-me uma cópia do poema 'para poucos'. Compreendo o seu culto severo e sinto que não haveria homenagem mais digna do nosso amigo."⁸

Cecília Meireles também escreveu falando de Mário. O cruzamento de informações entre cartas de escritores diferentes pode revelar inúmeras facetas. Por exemplo, em carta datada de 30-10-40, Mário faz o elogio de Drummond:

"Leu o livro dele? Uma maravilha como intensidade e força de drama humano. Direto, simples, áspero, de uma força, de uma dor arrancada em grito abafado que quebra o ser. Fiquei impressionadíssimo."⁹

Para o leitor de hoje, como nos alerta Antonio Candido, não basta politicamente delinear o perfil intelectual de Drummond atendo-se à sua condição de chefe de gabinete de um ministro do Estado Novo. A intelectualidade da época o via também como o autor de *A Rosa do Povo* e assim adensa-se, pela contradição, o seu papel no cargo público.

Se Mário era uma referência forte para a poeta que o ouvia nas sugestões para modificar poemas, nas cartas de Henriqueta ao cônsul italia-

⁶ Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, datada de 16-4-40.

⁷ Carta de Carlos Drummond de Andrade a Henriqueta Lisboa, datada de 8-5-40, Rio (papel timbrado do Ministério).

⁸ Carta de Carlos Drummond de Andrade a Henriqueta Lisboa, datada de 7-6-45, Rio de Janeiro.

⁹ Carta de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa datada de 20-10-40.

no em São Paulo discutem-se problemas de tradução, já que também nesse espaço atuava Henriqueta, sobretudo no trabalho com a obra de Dante. Está claro que isso também, contemporaneamente, interessa à crítica e à teoria literárias.

A angústia por ocasião da Grande Guerra, tema de cartas enviadas pela escritora Gabriela Mistral, faz unirem-se, na mesma fala, sensibilidade poética e tristeza pelo momento terrível que viviam:

"Você é grande e profundo (?) poeta, Henriqueta Lisboa, e agradeço ao Senhor havê-la conhecido e visto. A esta hora a tragédia horrível do mundo me deprime muito, estando vivendo a tragédia dia a dia. Necessito pois que as almas fortes e melhores que eu me ajudem a viver com suas cartas."¹⁰

Nas cartas são, às vezes, discutidas coisas sem importância, "supérfluos", como diz Henriqueta no seu poema, como a pergunta de Cecília Meireles sobre que roupa deve levar a Belo Horizonte para a participação num Congresso – coisas tão femininas, nos diz ela – ou lamentos de uma dona de casa, numa moradia em reformas.

Mas também, entre Henriqueta e Cecília selam-se alianças, deixando transparecer dificuldades na vida intelectual:

"Sabe o que eu acho cada vez mais admirável? A amizade entre a gente de letras, principalmente quando essa gente é do nosso sexo. O mundo está ficando tão horroroso que a amizade vai perdendo o sentido; há umas aproximações por interesses grosseiros. Pensar que ainda podemos viver a doçura de uma bem-querença puramente espiritual me enche de alegria. Mas com um travo de pena pelos que não são capazes disso e desprezam o que desconhecem."¹¹

Ambas trocam informações sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira, para os estudos que Cecília empreendeu para escrever o *Romanceiro*.

Através das cartas, também se pode perceber como, já nos anos 40, sobressaía a figura de Antonio Candido como crítico respeitado, já elogiado na dignidade que até hoje tem marcado sua postura intelectual. Ou ainda se revela, em carta de Onicyda Alvarenga, o quanto ele ficou cansado com a tese de concurso para professor (coisas tão dele; coisas tão nossas!) ou o quanto ficou triste com a morte de Emílio Moura.

Também se adivinha um Manuel Bandeira sentimentalmente derramado, a pedir perdão de joelhos por ter esquecido de incluir Henriqueta em sua *Apresentação da Poesia Brasileira*.¹²

De um sanatório lhe escreve Murilo Mendes, entremecendo as frases com inúmeros asteriscos. Que significarão eles?¹³

O estudo do conjunto dessas cartas, de que minha fala de hoje apenas deu uma idéia rápida, o cruzamento de seus dados pode traçar um pa-

norama da intelectualidade da época, pondo à luz discussões sobre os processos criativos, angústias e alegrias pessoais que de alguma forma desmistificam a figura do escritor como alguém que paire acima dos problemas do homem comum de seu tempo.

Além disso, a postura intelectual e os tipos de intervenção na área da cultura desejados ou concluídos pelos escritores podem aclarar-se no seu entendimento mais profundo e adequado através da leitura e análise desse material.

Enfim, trabalhar com o remanejamento da memória nos acervos verga o estudioso sobre a sua própria memória e sobre a memória cultural e a da crítica.

¹⁰ Carta de Gabriela Mistral a Henriqueta Lisboa datada de 22-9-40.

¹¹ Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa datada de 16-1-45.

¹² Carta de Manuel Bandeira a Henriqueta Lisboa datada de 28-9-61.

¹³ Carta de Murilo Mendes a Henriqueta Lisboa, s.d.